

PROBLEMAS COM PISTOLAS DE PERFURAÇÃO

Conteúdo cedido pela AUPP para uso exclusivo da APPBR.

A Associação de Piercers Profissionais do Brasil (APPBR), bem como a Association of Professional Piercers (APP), defende que apenas equipamentos descartáveis ou estéreis são adequados para piercings corporais e que apenas materiais certificados como seguros para implantes internos devem ser colocados dentro de uma perfuração nova ou não cicatrizada.

Não consideramos seguro qualquer procedimento que coloque um tecido vulnerável em contato com equipamentos não esterilizados ou joias que não sejam consideradas biocompatíveis.

Esses procedimentos colocam a saúde dos clientes em risco inaceitável. Por esse motivo, os membros da Associação não podem usar pistolas perfuradoras para qualquer tipo de procedimento de perfuração.



Embora as máquinas perfurantes possam parecer uma maneira rápida, fácil e conveniente de criar orifícios, elas apresentam grandes desvantagens em termos de esterilidade e danos ao tecido, além de modelos de brincos inadequados.

Essas preocupações são abordadas a seguir.

PISTOLAS REUTILIZÁVEIS PODEM COLOCAR OS CLIENTES EM CONTATO DIRETO COM O SANGUE E OS FLUIDOS CORPORAIS DE CLIENTES ANTERIORES

Embora possam ser contaminadas com patógenos transmitidos pelo sangue dezenas de vezes em um dia, as máquinas perfuradoras de orelha muitas vezes não são higienizadas de maneira clinicamente reconhecida. Pistolas de plástico para perfuração de orelhas não são esterilizadas em autoclave e podem não ser suficientemente limpas entre o uso em vários clientes.

Mesmo que lenços antissépticos fossem capazes de matar todos os patógenos em contato, simplesmente limpar as superfícies externas da pistola com álcool isopropílico ou outros antissépticos não mata os patógenos dentro das partes funcionais do equipamento. O sangue de um cliente pode ser aerossolizado, espalhando-se pelo ar em partículas microscópicas e contaminar o interior da arma.

O tecido e a joia do próximo cliente podem entrar em contato com essas superfícies contaminadas.



Existe, portanto, a possibilidade de transmitir microrganismos causadores de doenças por meio dessa perfuração da orelha, como relatam muitos estudos médicos.

PISTOLAS DE PERFURAÇÃO PODEM CAUSAR DANOS SIGNIFICATIVOS AO TECIDO

Embora ligeiramente pontiagudos na aparência, a maioria dos pinos de brincos para perfuração de orelha não são afiados. Portanto, é necessária uma pressão excessiva sobre uma área de superfície maior para forçar a haste de metal através da pele. O efeito no corpo é mais parecido com uma lesão por esmagamento do que com um piercing e causa danos aos tecidos. Do ponto de vista médico, isso é conhecido como “trauma de força bruta”. No mínimo, pode resultar em dor e inchaço significativos para o cliente; no máximo, em cicatrizes e incidência potencialmente aumentada de condrite auricular, uma severa desfiguração do tecido.

Ocasionalmente, a pressão intensa e a velocidade do mecanismo de mola da pistola não são suficientes para forçar a joia cega através da carne. Nesses casos, o brinco pode ficar alojado em parte na orelha do cliente. O operador da maquininha, que pode não ser treinado para lidar com essa possibilidade, tem duas opções: remover a joia e ferir a orelha, arriscando contaminar a pistola e o ambiente ao redor (pelo fluxo sanguíneo da ferida original); ou pode tentar forçar manualmente o brinco através da carne, causando trauma excessivo ao cliente e arriscando uma lesão no próprio operador.



A frequência com que ocorre esse mau funcionamento da arma não foi documentada pelos fabricantes, mas alguns operadores de arma relatam que é frequente.

Quando usada em tecido estrutural, como a cartilagem, complicações mais sérias são comuns – por exemplo, condrite auricular, cartilagem quebrada e cicatrizes excessivas.

A perfuração com pistola pode resultar na separação da fáscia subcutânea do tecido cartilaginoso, criando espaços nos quais os fluidos se acumulam. Isso pode causar inchaço temporário e nódulos permanentes de tecido no local ou próximo ao local da perfuração. Eles variam de um pouco incômodos a grosseiramente desfigurantes, e alguns requerem cirurgia para serem corrigidos.

A incidência pode ser minimizada com a realização do piercing com uma agulha cirúrgica afiada, que desliza suavemente e causa menos separação do tecido.

Um perfurador treinado também usará uma técnica de pressão pós-perfuração que minimiza a formação de cicatriz hipertrófica.



A cartilagem tem menos fluxo sanguíneo do que o tecido do lóbulo e um tempo de cicatrização mais longo. Portanto, as infecções nesta área são muito mais comuns e podem ser bem mais destrutivas.

O uso de equipamento de perfuração não esterilizado e cuidados posteriores insuficientes foram associados ao aumento da incidência de condrite auricular, uma infecção grave e desfigurante no tecido da cartilagem. Isso pode resultar em deformidade e colapso do tecido auditivo estrutural, exigindo antibioticoterapia e extensa cirurgia reconstrutiva para correção. Mais uma vez, a literatura médica documentou muitos desses casos e está disponível mediante solicitação.

O COMPRIMENTO E OS MODELOS DOS BRINCOS USADOS EM PISTOLAS SÃO INAPROPRIADOS PARA A CURA DE PERFURAÇÕES

Os brincos são muito curtos para alguns lóbulos e para a maioria das cartilagens. Inicialmente, a pressão do mecanismo da pistola é suficiente para forçar a peça e travar no tecido. No entanto, uma vez travado, o tecido comprimido não pode retornar ao seu estado normal: fica contraído e ainda mais irritado. No mínimo, a diminuição da circulação de ar e sangue no tecido comprimido pode levar a uma cicatrização prolongada, complicações menores e cicatrizes.

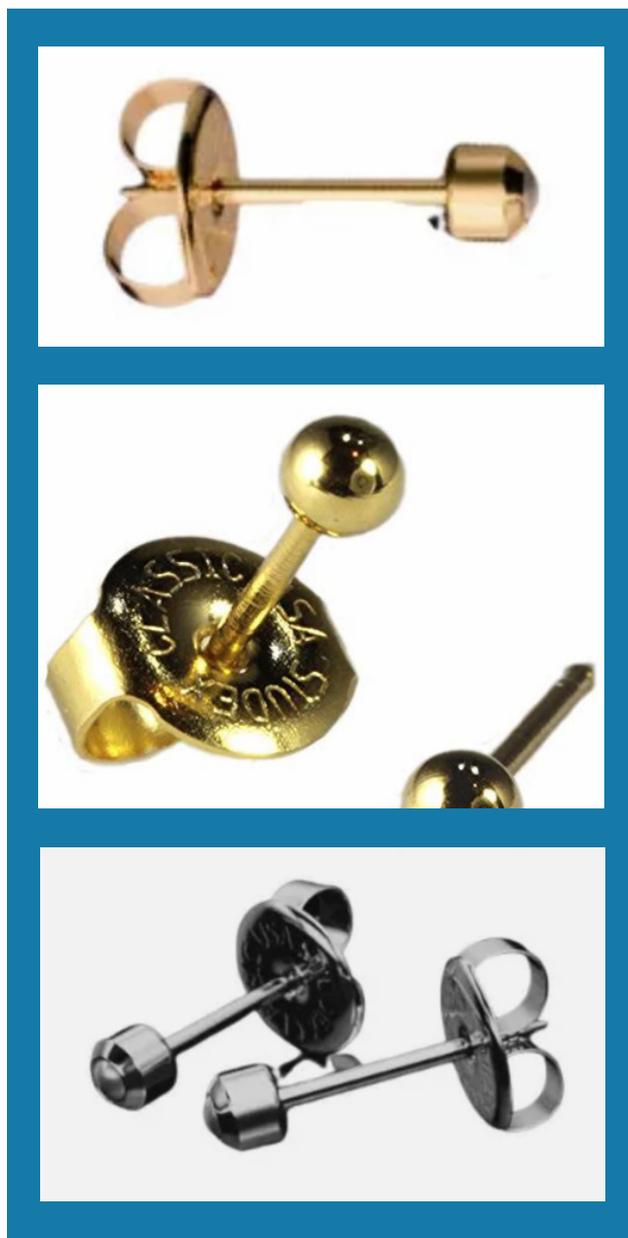
O mais perturbador é que a pressão desses brincos apertados pode resultar em inchaço e impactação adicionais. Tanto piercers quanto médicos já viram brincos completamente enterrados nos lóbulos das orelhas e na cartilagem (bem como no umbigo, narinas e lábios), mesmo quando perfurados “corretamente” com uma máquina. Isso pode exigir que a peça seja cortada cirurgicamente, principalmente nos casos em que um ou ambos os lados do pino desapareceram completamente sob a superfície da pele.



Essas consequências são mínimas quando as joias são feitas sob medida, permitem espaço suficiente para o inchaço e são colocadas com uma técnica de perfuração usando agulha, o que cria menos trauma e inchaço.

A maioria dos brincos para perfuração de orelha não é feita de materiais certificados pelo FDA ou ASTM e não é segura para implantes de longo prazo no corpo humano. Mesmo quando revestidos de ouro atóxico, os materiais das ligas subjacentes podem contaminar o tecido humano por meio de corrosão, arranhões e defeitos de superfície, causando citotoxicidade e reação alérgica.

Visto que fabricar um revestimento durável sem corrosão e sem defeitos para tais pinos é extremamente difícil, a literatura médica considera apenas titânio (ASTM F67 e F136) de grau de implante (ASTM F138) e titânio (ASTM F67 e F136) adequados para a composição de joias para perfuração.



As peças feitas de qualquer outro material, incluindo aço de grau não implantável (aço sem certificação de lote como ASTM F138), não devem ser usadas, independentemente da presença de revestimento de superfície.

O MAU USO DE PISTOLAS DE PERFURAÇÃO É EXTREMAMENTE COMUM

Mesmo que muitas instruções dos fabricantes e regulamentos locais proíbam, há quem perfure com pistola não só lóbulo, mas cartilagem de orelha, nariz, umbigo, sobrancelha, língua e outras partes do corpo. Isso é absolutamente inapropriado e muito perigoso.

Embora os estabelecimentos de perfuração geralmente treinem seus operadores, essa preparação não é padronizada e pode se limitar a apenas assistir a um vídeo, ler um livreto de instruções e/ou praticar com esponjas cosméticas ou outros funcionários. Há alegações de que alguns estabelecimentos não informam seus colaboradores sobre os graves riscos, tanto para quem realiza o procedimento quanto para o cliente a ser perfurado, e não instruem a equipe sobre a maneira de lidar com complicações médicas do cliente ou mau funcionamento da maquininha, entre outras situações. De fato, pesquisas realizadas em joalherias, salões de beleza e quiosques de shopping, na Inglaterra e nos Estados Unidos, revelaram que muitos funcionários tinham pouco conhecimento sobre os riscos relacionados a seus procedimentos.



Considerando que grande parte da clientela de perfurações com pistola é menor de idade ou jovem adulto, não surpreende que poucas complicações sejam relatadas a médicos. Muitos clientes podem ter sido perfurados sem o conhecimento ou o consentimento dos pais/responsáveis, que fornecem o acesso aos serviços de saúde. Portanto, a maioria das infecções, cicatrizes e complicações menores podem não ser relatadas e tratadas. Além disso, devido à facilidade de se adquirir uma maquininha de perfuração e à falta de consciência dos riscos, muitos consumidores deixam de associar suas experiências negativas a esse equipamento. Eles acreditam que, uma vez que é mais rápido e fácil fazer uma perfuração dessa forma, a pistola deve ser inerentemente livre de perigo. Frequentemente, apenas quando as consequências se mostram tão graves a ponto de exigirem atenção médica imediata, a conexão é feita e as complicações são relatadas a um profissional da saúde.

Apesar dos altos riscos associados à perfuração com pistola, muitas regiões permitem que os estabelecimentos que usam máquinas de perfuração operem sem supervisão. A legislação recente começou a proibir o uso delas na cartilagem da orelha e em outros locais que não os lóbulos. O estado de New Hampshire (EUA) tornou ilegais todos os equipamentos não esterilizados, mas essas mudanças ainda não são globais.



Esperamos que, com informações precisas, os consumidores e os legisladores compreendam e rejeitem os riscos da perfuração com pistola, pelo interesse da saúde pública.